MÚSICA, MEMÓRIA E TERRITÓRIO NA ESCRITA DE JUDITE BOTAFOGO

Carilene Francisca da Silva (UFRPE)[1]

Resumo: Este artigo analisa as dissertações Música Popular Brasileira: espaço de leitura da poesia concreta (2004) e Waly Salomão: algaravias do pós-tudo (2010), de Judite Botafogo, com o objetivo de compreender como esses textos tensionam a fronteira entre crítica acadêmica e criação poética. A análise evidencia que música, memória e território operam como eixos estruturantes da reflexão da autora, permitindo a reapresentação de experiências culturais e saberes coletivos no texto acadêmico. Ao valorizar repertórios da música popular brasileira, práticas orais e vínculos territoriais, a escrita de Judite Botafogo afirma uma voz literária através da escrita. Conclui-se que suas dissertações não apenas analisam objetos artísticos, mas participam ativamente da constituição de uma poética própria, contribuindo para debates contemporâneos sobre os limites entre teoria e criação no campo dos estudos literários.

Palavras-chave: memória. voz literária. Criação poética.

Abstract: This article analyzes the dissertations *Música Popular Brasileira: espaço de leitura da poesia concreta* (2004) and *Waly Salomão: algaravias do pós-tudo* (2010), by Judite Botafogo, with the aim of understanding how these texts challenge the boundary between academic criticism and poetic creation. The analysis shows that music, memory, and territory operate as structuring axes of the author's reflection, allowing the re-presentation of cultural experiences and collective forms of knowledge within academic writing. By valuing repertoires of Brazilian popular music, oral practices, and territorial ties, Judite Botafogo's writing affirms a literary voice through the act of writing itself. It is concluded that her dissertations not only analyze artistic objects but also actively participate in the constitution of a distinctive poetics, contributing to contemporary debates on the limits between theory and creation in literary studies.

Keywords: Memory. Literary voice. Poetic creation.

1. Introdução

A escrita acadêmica, que é tradicionalmente tida como documento de análise e sistematização crítica, não se mantém distante dos processos de criação literária. Em determinados momentos, o texto teórico ultrapassa sua função elucidativa e passa a ser lugar de elaboração estética. É nesse limiar entre crítica e criação que estão as dissertações de Judite Maria de Santana Silva, conhecida como Judite Botafogo, cujos trabalhos acadêmicos revelam não apenas uma pesquisadora da palavra, mas uma autora cuja reflexão teórica já se apresenta atravessada por sua voz poética.

[1] Graduanda em Letras- português e espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Brasil. E-mail: carilene.fsilva@ufrpe.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-2616-6694. Trabalho desenvolvido como parte da disciplina de Literatura de Autoria Feminina, sob orientação do Prof. Dr. Iedo Paes de Oliveira

As dissertações *Música Popular Brasileira: espaço de leitura da poesia concreta* (2004) e *Waly Salomão: algaravias do pós-tudo* (2010) constituem o corpus deste estudo. Parte-se da hipótese de que esses textos não devem ser lidos apenas como pesquisas sobre música e poesia, mas também como documentos de constituição de uma voz literária. Neles, observa-se uma escrita que se utiliza da música, oralidade, corpo e território como elementos que estão no núcleo do pensamento autoral da escritora, tensionando o limiar entre produção acadêmica e criação poética.

Assim, este artigo produzido durante a disciplina de Literatura de Autoria Feminina, tendo como autora do semestre, Judite Botafogo, propõe-se a responder à seguinte questão: como suas dissertassões tensionam a fronteira entre crítica acadêmica e criação poética, produzindo uma voz literária marcada por território, memória e oralidade? Metodologicamente, a análise fundamenta-se na leitura comparada das duas dissertações, utilizando como referenciais teóricos Ricoeur (2007) e Antonio Candido (2010). Busca-se demonstrar que elementos recorrentes no texto como o ritmo musical, a fluidez da água e a valorização das tradições orais, não aparecem apenas como temas, mas como estruturas que organizam a escrita crítica da autora.

2. As dissertações como documentos de poética

Retomando a discussão anterior para abrir este tópico, ao partir da discussão que as dissertações de Judite Botafogo podem ser lidas como textos que excedem os limites convencionais da escrita acadêmica ao incorporarem elementos próprios da criação poética, nota-se que a reflexão crítica não se apresenta dissociada da experiência sensível, pois estão ao lado das imagens poéticas, ritmos, corpo e memória cultural.

Em *Música Popular Brasileira: espaço de leitura da poesia concreta* (2004), Botafogo desenvolve uma compreensão da canção como espaço de convergência entre diferentes sistemas semióticos, atribuindo à palavra um caráter sonoro, visual e corporal. Essa concepção é explicitada quando a autora afirma:

> A canção consegue estabelecer um elo entre o silêncio e a devastidão, a tempestade e a bonança. Ela se espraia num misto de reverência e regozijo. Nela interdepende-se elementos fônicos, ópticos e semânticos formando um conjunto de relações internas através das quais se revela a potencialidade do fazer poético. (Botafogo, 2004, p. 18).

O trecho acima destaca que a autora não entende a linguagem unicamente como instrumento, mas como experiência, capaz de arranjar elementos visuais, ritmicos e fônicos

para estabelecer significado. O modo como a canção é descrita (por meio de imagens que evocam movimento) revela um pensamento que se constrói poeticamente. A escrita acadêmica, nesse caso, não está apenas analisando um fenômeno artístico, mas reproduzindo, discursivamente, os princípios estéticos da autora.

Essa perspectiva é aprofundada quando Botafogo discute a inserção da música popular brasileira no campo da literatura, onde dá destaque a transformações nos modos de circulação do poético, como observa-se nas palavras da mesma:

> Nos anos 60 e 70, depois de grandes poetas que marcaram a história da literatura no Brasil, como Bandeira, Drummond, João Cabral, entre outros, a poesia brasileira aponta um espaço de renovação literária: discos ao invés de livros e encartes no lugar de páginas. É assim que a música popular traz a turbulência da Semana de 22 para perto do grande público e com isso, passa a nos inscrever no contexto dos discursos sobre o lugar que ocupa hoje a MPB no discurso literário. (Botafogo, 2004, p. 9).

Nesse fragmento, a autora descreve um deslocamento histórico e, para além disso, atribui à música popular um papel central na revitalização da experiência poética. A valorização de discos e encartes como espaços legítimos de inscrição da poesia infere uma concepção de literatura que está presente na oralidade, na performance e na coletividade. Essa visão repercute diretamente na escrita da própria dissertação, que é contruída com bases na memória cultural que a sustenta. Botafogo (2010) amplia sua compreensão quando analisa práticas artísticas marcadas pela hibridização das linguagens. Ao discutir o arranjo entre poesia, música, corpo e gesto, a autora afirma:

> saltando para o âmbito semiótico da criação: poesia e música, canto e fala, música e gesto, poesia e dança, poesia e outras artes, corpo e voz num jogo de complementaridades e fricções, num verdadeiro fenômeno de deglutição intersemiótica, materiais, procedimentos e recursos de outros códigos e hibridização de linguagens. (Botafogo, 2010, p. 153).

Essa passagem explicita uma concepção de criação pautada na intersemiose, ou seja, em signos de sistemas semióticos distintos. O vocabulário utilizado pela escritora, como por exemplo: “salto”, “jogo”, “fricções”, “deglutição”, demonstra uma escrita que se afasta da neutralidade analítica e se aproxima de um discurso performativo, onde o seu próprio texto encena os processos que descreve. A dissertação, assim, não apenas interpreta a obra de Waly Salomão, mas se organiza com características semelhantes aos da poética analisada.

A palavra, para Botafogo, é manifestada na escuta, no ritmo e nos repertórios herdados, aproximando sua escrita de uma perspectiva etnopoética, termo cunhado por

Rothenberg (1984), definido como uma poética que está interligada a identificação cultural de pessoas de uma determinada localidade. Desse modo, ambas dissertações funcionam como raízes de uma poética em elaboração onde, já se delineia uma voz que compreende a linguagem como espaço de margem entre teoria e criação, entre análise e experiência.

3. Música, oralidade e memória

O estudo desenvolvido por Judite Botafogo em suas dissertações fundamenta-se em uma compreensão da linguagem, na qual música, oralidade e memória aparecem como componentes estruturantes da experiência poética. A centralidade da música em sua escrita não se limita à análise de objetos artísticos, mas essa centralidade musical também significa uma forma de pensar a palavra como um meio de acessar uma memória: pessoal, por sua história familiar com a música e coletiva, por sua ligação à terra e a música que pertence a sua localidade, configurando a relação entre sujeito, linguagem e tempo.

A palavra cantada, performada ou escrita carrega consigo marcas de experiências vividas, sedimentadas na memória individual e coletiva. Essa concepção dialoga diretamente com a noção de memória formulada por Paul Ricoeur (2007), para quem a lembrança constitui um elo fundamental na construção da identidade do sujeito. Ao afirmar que:

> A memória é passado, e esse passado é o de minhas impressões; nesse sentido, esse passado é meu passado. É por esse traço que a memória garante a continuidade temporal da pessoa e, por esse viés, essa identidade cujas dificuldades e armadilhas enfrentamos acima. Essa continuidade permite-me remontar sem ruptura do presente vivido até os acontecimentos mais longínquos da minha infância.
> (Ricoeur, 2007, p. 107)

O filósofo explicita que a memória não é puramente um arquivo de acontecimentos, pois ela é um processo ativo de constituição do sujeito através do tempo. A continuidade que a memória permite, é o que possibilita que o passado se mantenha operante no presente, estruturando o modo de estar no mundo.

Essa noção de memória dialoga com a maneira como Botafogo pensa música e escrita. Ao colocar em destaque a oralidade e os repertórios musicais populares, a autora reconhece que a palavra poética carrega vozes antigas e ritmos sedimentados pela experiência coletiva. Ou seja, a música, nesse contexto, atua como mediadora da memória, permitindo que o passado seja recordado no presente da escuta e da escrita.

Ricoeur aprofunda essa concepção ao definir a lembrança como um movimento de retorno e atualização, quando afirma "É nisso que a lembrança é re-(a)presentação, no duplo sentido do re-: para trás e de novo." (Ricoeur, 2007). A lembrança,então, não se limita a remeter ao que já foi, mas reapresenta o passado como uma experiência reinscrita no presente. Essa concepção de Ricoeur é particularmente produtiva para a leitura das dissertações de Judite Botafogo porque sua escrita crítica se mostra como um espaço de reapresentação da memória cultural, musical e territorial. Ao analisar canções e performances, a autora não apenas descreve objetos artísticos, mas reinscreve, em sua própria escrita, os gestos, ritmos e vozes que constituem essas produções.

Dessa forma, música, oralidade e memória articulam-se, nas dissertações de Judite Botafogo, como eixos de um mesmo projeto crítico-poético, pois, ao trazer a reinserção do passado no presente da linguagem, sua escrita constrói uma voz que se afirma na continuidade temporal da experiência coletiva.

4. A terra como memória na escrita

A constituição da voz literária que surge das dissertações de Judite Botafogo não pode ser compreendida sem levar em consideração um aspecto de muita importância em sua escrita: território. Em sua escrita, a terra aparece como o lugar onde a autora arquiteta a memória, suas experiências e o pertencimento. O território funciona, então, como base da linguagem, pois atravessa tanto a análise crítica de seus textos acadêmicos quanto sua voz poética.

Em *Os parceiros do Rio Bonito*, Cândido (2010) elabora o modo de viver do caipira paulista e sua relação com a comunidade, a terra, o homem e seu meio. Nessa obra o autor trás o vínculo homem-território e é nesse contexto que o escritor diz que "homem e natureza surgem como aspectos indissoluvelmente ligados de um mesmo processo, que se desenrola como História da sociedade." (Candido, 2010, p. 13).

A partir dessa perspectiva, a relação entre sujeito e território passa a ser entendida como histórica e socialmente construída. No caso de Judite Botafogo, essa indissociabilidade é observada na maneira como a autora compreende a linguagem como extensão da experiência vivida. A terra, nesse sentido, não é apenas o espaço físico de sua origem, mas o lugar onde se formam repertórios culturais, sonoros e afetivos que estruturam a memória pessoal e coletiva e formam a criação literária.

As referências recorrentes à cultura popular, aos ritmos herdados de seu território e a MPB revelam que a escrita de Botafogo se ancora em um contexto específico — a Zona da Mata pernambucana —, marcado por tradições musicais, saberes orais e modos de vida profundamente ligados ao trabalho da terra. O aspecto da terra não aparece como uma digressão autobiográfica: aparece como uma marca estética de sua escrita. Assim como em Cândido(ibid.), o território é construção do sujeito.

Essa compreensão dialoga na obra de Nelly Coelho(1991), onde a autora diz que "a natureza da Arte depende do que acontece no contexto histórico, econômico, social, de classe ou de dominação, em que está "situado" o artista ou o escritor." (Coelho, 1991, p. 95).

Percebe-se, assim, que a produção artística não pode ser dissociada das condições concretas de existência do sujeito criador. No caso de Judite Botafogo, sua escrita acadêmica revela-se atravessada por um cenário historicamente marcado pela marginalização de vozes populares e femininas e, dessa forma, a valorização da música popular brasileira e da oralidade constitui um gesto político de legitimação estética desses repertórios.

Nessa perspectiva, a ancestralidade surge como pilar da formação de sua voz literária. A memória herdada, transmitida através de repertório cultural, e narrativas orais funciona como peça estruturante de sua escrita. A palavra poética, tal como se delineia nas dissertações, nasce do contato com essas camadas da experiência coletiva, reafirmando a ideia de que a criação literária é, em grande parte, um processo de continuidade e reinscrição de saberes compartilhados.

Desse modo, ao articular território, ancestralidade e linguagem, Botafogo tensiona novamente a fronteira entre crítica acadêmica e criação poética. Sua escrita transforma a terra em memória e a memória em linguagem, produzindo uma voz literária que se encontra no resultado da fricção entre história social, experiência individual e tradição cultural. Nesse processo, a produção acadêmica deixa de ser apenas espaço de análise e funciona também como lugar de inscrição de uma identidade estética profundamente enraizada em sua terra.

5. Considerações finais

Este artigo procurou compreender como as dissertações de Judite Botafogo transpassam a fronteira entre crítica acadêmica e criação poética. A análise demonstrou que, em Música Popular Brasileira: espaço de leitura da poesia concreta (2004) e Waly Salomão: algaravias do pós-tudo (2010), Judite Botafogo constrói uma reflexão crítica atravessada por elementos como música, território, e imagens poéticas. Esses elementos orientam a forma do

texto, evidenciando uma escrita que performa aquilo que analisa. Assim, as dissertações funcionam como documentos de poética, nos quais teoria e criação coexistem.

A memória, entendida como reapresentação do passado no presente da escrita, permite que vozes, ritmos e saberes herdados se inscrevam no texto acadêmico. Nesse processo, a música popular brasileira e as práticas artísticas híbridas analisadas por Judite tornam-se mediadoras da memória coletiva, reforçando o caráter performativo de sua escrita crítica. A centralidade do território e da ancestralidade mostrou-se também como elemento estruturante para a constituição dessa voz literária. A terra, compreendida como espaço histórico e simbólico, fornece o chão a partir do qual a linguagem se organiza, enquanto a ancestralidade possibilita a permanência das experiências coletivas no presente da criação.

Dessa forma, o presente estudo mostra que as dissertações de Judite Botafogo não apenas refletem sobre literatura e música, mas participam da construção de uma poética própria, marcada pela memória e pelo pertencimento territorial.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua E Literatura**, [S.l.], v. 16, n. 19, p. 91-101, dez. 1991.

JUDITE BOTAFOGO. **Um pouco da minha história** . [S.l.]: YouTube, 13 jul. 2022. 1 vídeo (19 min 54 s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aJLRN-lgpy4. Acesso em: 15 nov. 2025.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. **O sexo dos textos e outras leituras**. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROTHENBERG, Jerome. Ethnopoetics & (Human) Poetics. **Conjunctions**, [S.l.], n. 6, p. 232-240, 1984.

SILVA, Maria de Santana Judite. **Música popular brasileira**: espaço de leitura da poesia concreta. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7961. Acesso em: 15 nov. 2025.

SILVA, Maria de Santana Judite. **Waly Salomão: Algaravias do pós-tudo**. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: https://attena.ufpe.br/handle/123456789/7059. Acesso em: 15 nov. 2025.